

**"A cidade é uma casa.
A casa é uma cidade"
Vilanova Artigas na
história de um *topos***

Daniele Pisani

**"A cidade é uma casa.
A casa é uma cidade"
Vilanova Artigas na
história de um *topos***

Daniele Pisani

TRADUÇÃO DE MAURÍCIO SANTANA DIAS

**"A cidade é uma casa.
A casa é uma cidade"
Vilanova Artigas na
história de um *topos***

Daniele Pisani

editora

**escola
da cidade**

TRADUÇÃO DE MAURÍCIO SANTANA DIAS

Sumário

7	Advertência ao leitor	56	5. “Est autem domus unius familiae habitatio, sicut urbs unius populi, sicut urbis domicilium totius generis humanis” e “Domus unius familiae habitaculum est, sicut urbs unius populi, sicut orbis domicilium totius generis humani”	65	8. “Philosophorum sententia”	87	11. “A house must be like a small city if it’s to be a real house; a city like a large house if it’s to be a real city” e “Tree is leaf and leaf is tree — house is city and city is house — a tree is a tree but it is also a huge leaf — a leaf is a leaf, but it is also a tiny tree — a city is not a city unless it is also a huge house — a house is a house only if it is also a tiny city”
10	1. “Arquitetura e construção”	59	6. “Atqui ut domus unius hominis habitaculum est et urbs unius populi; sic et mundus domicilium est totius generis humani”	72	<i>Excursus</i> n. 2. “Así como la familia es el origen elemental de la sociedad; de la mismísima manera el hogar y albergue de esa familia es el punto de partida y origen de toda urbe”	107	12. “To identify both house and city with the people living there”
18	2. “A cidade é uma casa. A casa é uma cidade” e “As cidades como as casas. As casas como as cidades”	62	7. “Domus unius familiae habitaculum est sicut urbs unius populi, sicut orbis domicilium totius generis humani” e “Sicut una singularis persona est pars domus, ita una domus est pars civitatis vel regni”	77	9. Uma genealogia: uma história de rupturas	119	13. Na ausência da <i>polis</i>
22	3. “... conciosiache la Città non sia altro che una certa casa grande, e per lo contrario la casa una città picciola”			84	10. Histórias	122	Epílogo
32	4. “Quod si civitas philosophorum sententia maxima quaedam est domus et contra domus ipsa minima quaedam est civitas...”					126	Referências bibliográficas
45	<i>Excursus</i> n. 1. A primeira casa e o nascimento da sociedade						

Advertência ao leitor

A partir de uma expressão icônica contida em um famoso texto de um dos maiores arquitetos brasileiros do século xx, o leitor deste livro é convidado a acompanhar o autor por tempos cada vez mais remotos. Assim, da São Paulo entre os anos 1960 e 1970, se verá transportado até o Renascimento italiano e, depois, recuando ainda mais, até a Espanha dos séculos vi e vii, à corte do primeiro imperador romano convertido ao cristianismo e, enfim, ao mundo grego antigo.

Descrito nesses termos, o percurso cumprido pelo estudioso e exposto ao leitor revela muitos dos perigos de que é repleto. No entanto, de um certo ponto de vista, ele é profundamente falseado: parece linear, quando de fato não o é minimamente. Não se trata de remontar a correnteza até chegar às fontes de onde tudo decorre, mas de examinar e, na medida do possível, desfazer a urdidura dos fios que se entrelaçam no caso tomado em análise.

Com efeito, a pesquisa que apresentamos nas páginas a seguir tem uma pretensão de rigor só comparável à consciência de seus limites. Pontos distantes no espaço e no tempo foram postos em relação; é verossímil, porém, que outros de igual importância tenham ficado fora do traçado, que no fim das contas é impossível delinear em sua inteireza — e, de resto, não é essa a intenção. Mais que remontar um curso de água até suas nascentes, o leitor deve imaginar o livro que está prestes a ler como a tentativa — em última instância irrealizável — de enveredar por uma imensa planície em busca de algo que, aqui e ali, deixou rastros da própria passagem, mas sabendo que nunca será possível

indivíduoar todas as suas ocorrências e que cada uma delas, em maior ou menor grau, estará em cada circunstância misturada, contaminada e enriquecida por outras e por outro — que afinal é o que a caracteriza.

O único instrumento capaz de permitir que o historiador não perca de toda a rota numa expedição desse tipo é, a nosso ver, a filologia: somente recorrendo a ela será possível ponderar a natureza das várias ocorrências; verificar seu pertencimento, ou não, à série; indagar a especificidade de cada uma e sua relação com as outras. Noutros termos, somente por meio da filologia pontos isolados no tempo e no espaço poderão unir-se até formar constelações que possam pretender alguma legitimidade. Mas não é o caso de se iludir: se a filologia é o principal instrumento de que o historiador dispõe, só o é na medida em que este se propõe a experimentar seus limites. O livro que o leitor se prepara para ler é um esforço de compreensão e, ao mesmo tempo — aliás, precisamente por isso —, um mapa dos limites a que tal esforço está condenado.

É por essa razão que as páginas a seguir são simultaneamente muitas coisas: uma sondagem da cultura e do imaginário de João Batista Vilanova Artigas e, de modo mais amplo, da arquitetura ocidental nos anos 1960; uma incursão em dois milênios de história de um *topos* que, de quando em quando, reaparece sempre igual e a cada vez diferente; e, por fim, um exercício de método, com seu duplo caráter de estratégia elaborada deliberadamente para uma pesquisa específica e, ao mesmo tempo, de reflexão — desta vez, de alcance geral — sobre as vantagens, os perigos e os limites dessa mesma estratégia.¹

NOTA

1. Pelo auxílio que recebeu de diversas maneiras, ou mesmo por apenas terem pacientemente respondido a suas dúvidas, o autor se sente no dever de agradecer pelo menos a: Alexandre Benoit, Ana Paula Marques, Evelise Grunow, Gabriella Degli Antoni, Gaia Piccarolo, Giaime Botti, Gianmario Guidarelli, Joseph Rykwert, Marco Rispoli, Maria Helena Flynn, Massimo Bulgarelli, Monica Centanni, Ricardo Medrano, Rosa Artigas e Vittorio Pizzigoni.

1. "Arquitetura e construção"

Em 1969, com o modesto título de “Duas residências”, João Batista Vilanova Artigas publicava na *Acrópole* — revista que constituía o principal veículo da cultura arquitetônica paulista da época — um breve ensaio que mais tarde seria reeditado na coletânea *Caminhos da arquitetura* (1981), passando a fazer parte do “cânone” de seu pensamento.¹

Desse cânone, porém, o breve artigo veio a fazer parte numa versão radicalmente alterada, senão mutilada, desde o primeiro momento: com efeito, por motivos não declarados, ele foi incluído na principal antologia de textos do arquiteto não com o título original de “Duas residências”, mas com o injustificado — ainda que mais sugestivo e de ressonâncias universais — de “Arquitetura e construção”. E é por esse novo título que o artigo é até hoje conhecido.²

Aqui não nos interessa indagar sobre as razões dessa tácita e decisiva mudança; nem queremos nos interrogar sobre as razões pelas quais, nas várias edições de *Caminhos da arquitetura*, não só não se justifica — nem ao menos se assinala — a mudança de título, mas ainda se afirma que o texto foi publicado pela primeira vez não na *Acrópole*, e sim no catálogo da IX Bienal — do qual, pelo contrário, ele nunca constou.³

Quem decidiu modificar o título talvez tenha pretendido ressaltar o conteúdo de uma das passagens conclusivas do texto, em que Artigas entrava em polémica com a tendência da época a reduzir a questão da habitação, a seu ver, a um problema meramente

quantitativo e, enquanto tal, a pura e simples “construção”. Mas, para Artigas, a arquitetura tem como componente irrenunciável a “criatividade” — e, conquanto ele não o explicitasse no ensaio, sua natureza é crítica e política. Noutros termos, era no ato de recortá-la contra o fundo da “construção” que Artigas talvez quisesse trazer à luz, por contraste, aquilo em que devia consistir a arquitetura propriamente dita. A conjunção posta entre “arquitetura” e “construção” seria, nesse caso, uma conjunção disjuntiva, empregada com a intenção de contrapor os dois termos: *arquitetura versus construção*.⁴

Entretanto, é difícil não suspeitar de que as coisas poderiam ser mais complexas e ambíguas, uma vez que o vocábulo “construção”, adotado no novo título do ensaio, também pode ter derivado do verbo “construir”, adotado no título de um ensaio a que Artigas se referia amplamente nas páginas de “Duas residências”; qual seja, “Construir, habitar, pensar”, de Martin Heidegger.⁵ Nesse caso, a conjunção entre “arquitetura” e “construção” não seria mais disjuntiva — implicando, ao invés, uma fundamental identidade da arquitetura com o âmbito do construir, uma vez que, como veremos, Artigas aceitava a hipótese de Heidegger acerca de uma raiz etimológica comum aos vocábulos ligados a “construir”, “habitar” e “ser”: *arquitetura como construção*.

Se as referências a uma figura que suporíamos malquista por Artigas — como a de Heidegger — são as únicas explicitadas em “Duas residências”, ou “Arquitetura e construção”, elas, no entanto, não são as únicas presentes em suas páginas. De resto, do ponto de vista retórico, o principal achado de Artigas nesse texto consiste no emprego de uma espécie de *refrain* que aparece uma primeira vez na parte inicial do ensaio e depois, em forma ligeiramente modificada, numa *reprise* à

guisa de fechamento.⁶ O escopo desta nossa pesquisa consiste justamente em traçar a história — ou melhor, as histórias — desse *refrain* antes de seu reaparecimento em um texto brasileiro de fins dos anos 1960. Dito em outros termos, um dos mais famosos lemas de Artigas não é de Artigas. Então, de onde ele provém?

NOTAS

1. Cf. Artigas, 1969, pp. 13-21. As duas residências referidas pelo título são a Mendes André e a Elza Berquó.
2. Id., 1981a, pp. 101-103; o texto permanece entre os selecionados nas edições sucessivas da coletânea, até a última, editada em 2004 pela Cosac Naify. A organização da primeira edição de *Caminhos da arquitetura* é obra coletiva, embora não declarada, de Rosa Camargo Artigas e Reginaldo Forte. Segundo testemunho de Rosa, foi o próprio Artigas quem escolheu, entre os textos selecionados por eles, aqueles que deveriam ser reeditados. Artigas precisava dessa publicação para tentar obter, após a “Anistia” de 1979, um cargo de professor titular na FAU-USP. De uma conversa do autor com Rosa Artigas (14 de maio de 2016).
3. Na primeira edição de *Caminhos da arquitetura* (LECH, 1981), assinalava-se apenas que o texto tinha sido publicado pela primeira vez no catálogo da IX Bienal e, em seguida, na *Acrópole* n. 368; e a mesma versão dos fatos é a que se encontra na breve nota introdutória de Rosa Artigas, que precede sua reedição: Artigas, R., 2014, p. 133. Na última edição de *Caminhos da arquitetura* (Cosac Naify, 2004), chega-se a afirmar que o texto foi publicado pela primeira vez na *Acrópole* n. 368, que por sua vez teria servido de catálogo da Bienal, apesar de a *Acrópole* n. 368 não ter sido seu catálogo. Existe, contudo, um laço com o “catálogo” (na verdade, trata-se apenas de uma pequena brochura) da I Bienal de Arquitetura de São Paulo, que aconteceu em 1973 e abrigou uma mostra dedicada a Artigas, bem como a Lúcio Costa, Roberto Burle Marx e Joaquim Cardoso (cf. Artigas, 1973). Mas sua publicação nesse “catálogo” não justifica o título depois adotado para o texto (o único que ele teve antes de sua reedição em *Caminhos da arquitetura* era, ao que se sabe, “Duas residências”) nem a informação de que essa teria sido sua primeira edição (fora publicado na *Acrópole* ainda em 1969).
4. De fato, nas páginas do ensaio Artigas se pronunciava a favor da ideia de que a casa era uma “criação” (Artigas, 1969, p. 18,

isto é, id., 1981a, p. 103) e se rebelava contra quem a entendia, ao contrário, como puro e simples produto de “uma espécie de colonização pela ciência”, que terminaria levando, a seu modo de ver, a um “estruturalismo imobilista”. E prosseguia: “A construção só existe como tal enquanto a humanidade não pode desenvolver plenamente sua criatividade”. Podemos dizer que a “construção”, para Artigas, parece ser a arquitetura sem sua natureza intrinsecamente criativa.

5. Cf. Heidegger, 2001, pp. 125-141. Esse, como se sabe, proferira sua conferência “Bauen, Wohnen, Denken” em 1951, durante o II Colóquio de Darmstadt, dedicado ao tema “Homem e espaço” (*Mensch und Raum*), do qual também participaram — entre outros — Paul Bonatz, Otto Bartning, Rudolf Schwarz, Otto Ernst Schweizer e José Ortega y Gasset (um ano antes, no I Colóquio, fora a vez de Theodor Wiesengrund Adorno). Cf. Conrads e Neitzke, 1991. Na biblioteca da FAU-USP não se encontra esse texto; no período em que Artigas escreveu “Duas residências”, do filósofo alemão só havia provavelmente a versão espanhola de uma coletânea de escritos intitulada *Arte y poesía* (México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1958), na qual, todavia, não constava o texto citado por Artigas. Sobre o texto de Heidegger e suas implicações para a arquitetura, além de uma série de contribuições de Christian Norberg-Schulz, cf. entre outros Wigley, 1992, pp. 91-121; id., 1994, pp. 203-227; Sharr, 2006; id., 2007.
6. Na versão reeditada em 1973, de resto idêntica à anterior (salvo o título), falta esse *refrain* final da máxima.

AUTORIA

Daniele Pisani

TRADUÇÃO

Maurício Santana Dias

PREPARAÇÃO

Otacílio Nunes, Alexandre Benoit e José Paulo Gouvêa

REVISÃO

Thais Rimkus

REVISÃO GREGO E LATIM

Adriano Machado Ribeiro

EDITORA ESCOLA DA CIDADE

Fabio Valentim, Gabriella Gonçalves, Marina Rago
Moreira, Alexandre Bassani, Karime Zaher, Ricardo
Kalil, Thais Albuquerque

NÚCLEO DE DESIGN ESCOLA DA CIDADE

Celso Longo, Daniel Trench, Mateus Tenuta,
Manuella Leboreiro, Anita Solitrenick, Beatriz Gomes
Oliveira e Giani Pardini

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE

Alvaro Puntoni

CONSELHO ESCOLA —

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Cristiane Muniz

CONSELHO SOCIAL E COMUNICAÇÃO

Anderson Freitas

CONSELHO CIENTÍFICO

Anália Amorim

Associação Escola da Cidade
Arquitetura e Urbanismo
Rua General Jardim, 65
Vila Buarque, São Paulo/SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

PISANI, Daniele

A cidade é uma casa. A casa é uma cidade: Vilanova
Artigas na história de topos / Daniele Pisani; tradução
de Maurício Santa Dias – São Paulo: ECidade, 2019.

ISBN: 978-85-64558-45-8

1. História da arquitetura.

2. Teoria da arquitetura.

I Título

CDD 720

A partir de expressão icônica de Vilanova Artigas, o leitor é convidado a seguir Pisani por tempos cada vez mais remotos. Da São Paulo dos anos 60, seguirá até o Renascimento e, depois, até a Espanha dos séculos VI e VII, à corte de um imperador romano e, enfim, ao mundo grego.

TRADUÇÃO DE MAURÍCIO SANTANA DIAS

9788564458458

